

"Não perco a ternura graças à dança, à escrita, à arte de testar receitas e ao sol que invade a minha sala todas as manhãs"



Quando a quarentena começou, comecei a ocupar o cargo de coordenadora do Núcleo de Mídias e Diálogo com o Público do Museu da Vida. Ao mesmo tempo, eu estava lidando com as incertezas do mestrado em Divulgação da Ciências, Tecnologia e Saúde, da Casa de Oswaldo Cruz, sem saber como eu faria os créditos restantes do curso. Demorei quase dois meses para me adaptar emocional e psicologicamente ao novo cargo de coordenação, me conhecendo como profissional que precisava liderar uma equipe em meio a uma pandemia.

Além disso, reestruturei uma parte do meu projeto de pesquisa e estou precisando estudar coisas novas para conseguir adaptar minha metodologia devido à pandemia. Não está sendo nada fácil, mas contei com a compreensão e a ajuda de muita gente: das duas novas jornalistas da minha área, Melissa e Julianne, da minha orientadora, Marina Ramalho, da amiga e pesquisadora Rosicler Neves, do chefe do Museu da Vida, Alessandro Batista, e de muitos outros colegas do Museu que entendem a delicadeza do momento que estamos vivendo e que mantêm a humanidade em tempos difíceis.

Para além disso, digo a vocês para não perderem a ternura. Fora do trabalho e do mestrado, eu não perco a ternura graças à dança, à escrita, à arte de testar receitas e ao sol que invade a minha sala todas as manhãs. Sejam resistentes, botemos uma música um pouco mais alta aos sábados e domingos e continuemos na militância por valores que acreditamos.

Foto: Pegando sol numa manhã dessas durante a quarentena e comendo canjica, um doce que minha avó fazia e que é receita de família com tempero afetivo. Tenho tentado manter a vitamina D em dia!

Renata Fontanetto, coordenadora Núcleo de Mídias e Diálogo com o Público do Museu da Vida/COC